

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Carlos da Costa Pereira**

registada em 2009-02-11  
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira



## **Carlos da Costa Pereira**

Carlos da Costa Pereira nasceu na Mourísia, no dia 17 de Janeiro de 1946, às cinco da manhã, num dia em que havia uma grande nevada. Não vinha um médico, não vinha nada, as mulheres é que se ajudavam. O pai, António de Moura Pereira, correu o mundo com a roda de amolador. Enquanto o pai andava na arte, a mãe, Deolinda Augusta Costa, trabalhava na agricultura e criava sete filhos. Andou na escola na Moura da Serra e no Sobral Gordo, mas “o tempo era pouco para estudar”, tinha que ajudar a mãe. Aos 18 anos foi trabalhar para as Minas da Panasqueira, durante um mês. Passou por um lagar de azeite e depois foi servente, trabalhava na floresta e na fazenda. Em 1971 partiu para França, para a região de Lille, durante 17 anos. A esposa fugia-lhe, mas acabou por ceder e após um namoro feito de cartas, enquanto estava em França, casaram no Porto Castanheiro.

# Índice

Identificação Carlos da Costa Pereira.....	4
Ascendência António de Moura Pereira e Deolinda Augusta Costa.....	4
Educação "Aqueles que eram pobres, não se importavam deles".....	6
Percurso profissional A lida dos duros.....	7
Migração "Eram mais os estrangeiros que eram os franceses".....	11
Namoro "Ela, ao princípio, ainda me fugia".....	12
Casamento Casamento na terra.....	13
Costumes Tradições da aldeia.....	14
Lugar Terra de castanhas, pão e vinho.....	16
Quotidiano Sem jeito de amolador.....	18
Avaliação Uma história para filhos ou netos.....	18

## Identificação *Carlos da Costa Pereira*



### **Carlos com 18 anos**

O meu nome é Carlos da Costa Pereira. Nasci em Mourísia, no dia 17 de Janeiro de 1946. Estava uma grande nevada. Contavam-me que havia neve da altura de uma mesa. Não vinha um médico, não vinha nada. As mulheres é que ajudavam umas com as outras. As que já sabiam mais ajudavam as que sabiam menos. Dizia assim uma mulherzinha:

- "Ah, Deus queira que não seja hoje. O filho dela já devia de cá estar na rua!"

Foi às cinco da manhã ou o que é eu nasci. Estava tanta neve e tanto frio para andar aí na rua de noute. Oi! A neve, às vezes, estava alguns dois meses além naquela encosta. Nem os gados podiam sair à rua. Tratavam-nos nas cortes.

## **Ascendência *Antônio de Moura Pereira e Deolinda Augusta Costa***

O meu pai é Antônio de Moura Pereira e a minha mãe chamava-se Deolinda Augusta Costa. Já faleceu.



### **Antônio Moura Pereira e Deolinda Augusta da Costa, pais de Carlos**

O meu pai trabalhou nas Minas desde a idade dos 13 anos. Fez 14 anos na Mina. Carregava aço lá para dentro, para os martelheiros. Mais tarde, quando se casou, aprendeu a arte de compor louças. Ainda está ali uma composta por mim, não por ele. Bem, mas ele é que me ensinou a fazer aquele trabalho. Andámos aí de terra em terra com chapas de zinco às costas a trabalhar de "fulineiro", a remendar painéis de folha. Ainda andámos pelo Piódão, Cerdeira, Gondufo, Chãs d'Égua, Moinhos, Casas Figueiras, aquelas terras. Corremos aquelas terras. Íamos até à Vide, íamos para o lado das Meãs, das Meãs para o lado de Unhais-o-Velho. Aqui para estes lados, não. Só quando era no tempo das férias da escola, é que o meu pai ia para aqueles lados para eu lhe ajudar a levar o material. Era com uma roda de amolador, que tocam a pedal com um pé. Aquilo é um quadrado e tem uma roda como as das carroças de raios. Tem uma caixa vermelha por cima com uma bigorna pequenina e tesouras. O meu pai ainda tinha uma, mas agora já nem sei onde é que isso pára. Quando andava lá pelo mundo e fazia peneiras,

ia com a roda. Fazia peneiras, mas também fazia ratoeiras para agarrar ratos e pássaros. Andou muito. Foi daqui ao Porto com a roda. E há 50 e tal anos.

O meu pai andava na arte e a minha mãe trabalhava na agricultura. Éramos sete filhos, entre quatro rapazes e três raparigas.

## **Educação "*Aqueles que eram pobres, não se importavam deles*"**

Quando íamos para a escola, íamos daqui para a Moura da Serra. Também andámos no Sobral Gordo. Mas primeiro andámos na Moura, que é esta terra que está aqui atrás. Fazíamos uma hora a pé daqui para lá. E quando estava assim temporal? Às vezes, os barrocos levavam água com muita altura. A gente, pequenitos, com 6 anos, como é que atravessava os barrocos? Eram os mais velhos, que já tinham a quarta classe, que passavam os mais novos às costas. Eles já tinham mais força, já passavam a gente. Outras vezes, saltávamos os barrocos lá num sítio que é mais estreito. Saltávamos de um lado para o outro. E, mesmo assim, ainda vai muita água porque, naquele tempo, esta estrada aqui por cima não existia. A água vinha remansada da serra, juntava toda. E agora já não. Agora, como fizeram as estradas, ajunta muita água só nos barrocos, junto do Aleixo. Está muito modificado.

Na Moura, não era uma professora. Eram professoras. Uma professora dava escola da parte da manhã a 50 alunos. A de tarde também tinham 50 e tais. A da parte da manhã era primeira e segunda. E a de tarde era terceira e quarta. Eram quase todas lá do pé de Coimbra. Um malhavam, batiam muito. Outras batiam pouco. Conforme. Outras, às vezes:

- "Ai, não sabes? Ficas na mesma."

Por aqueles que tinham mais alguma coisa, que iam dando, interessavam-se mais. Aqueles que não davam nada, que eram pobres, não se importavam deles.

Ainda aqui houve escola uns anos. Era aqui numa casa. Era uma casa "sobraçada". Tinha sido uma taberna. O homem, quando fez a casa, era alfaiate. Pôs ali uma tabernita, mas aquilo não deu nada. Depois, foi lá para as Meãs e emprestou para a escola o andar de baixo. Naquele tempo, nem o petróleo a professora comprava. Não comprava nadinha! Nem o petróleo, nem renda de casa, nem nada. O povo dava-lhe tudo para ela se governar.

Às vezes, antes de eu ir para a Moura, a minha avó ia roçar o mato. Tínhamos que o ir lá buscar também. E, quando vínhamos da escola, as nossas mães mandavam-nos ir ter onde andavam a trabalhar. É claro, andavam a trabalhar, tínhamos que andar até à noite a ajudar. À noite, vínhamos fazer as

coisas à luz do candeeiro. O tempo era pouco para estudar, porque também depois atacava o sono. E assim aprendêramos pouco.

## **Percurso profissional *A lida dos duros***

### **"Aquilo é perigoso, dentro das Minas"**

Eu andei também a trabalhar nas Minas da Panasqueira. Tinha 18 anos. O meu pai era de lá, era das Meãs. A minha avó era de lá também. E claro, depois, íamos lá visitar a minha avó, quando éramos mais novos. Fomos crescendo, fomos crescendo. Depois, diz que ganhavam lá bom dinheiro. E fomos para lá. Andámos a trabalhar. Fomos à inspecção, uma inspecção como se vai para a tropa, igual. Foi conforme nascêramos, todos nus, a encher os pulmões de ar. Se ficássemos bem, íamos. Se assim não ficássemos... Eu fiquei muito bem.

Até éramos alumiados lá dentro com um gasómetro. Era um gasómetro com carbureto, umas pedras. Eram feitas ali em Canas de Senhorim. Há lá uma fábrica de carbureto. Não sei se ainda está a trabalhar, se não. Então, botava-se as pedras para dentro, água, dava-se uma "tarrachazinha" e aquilo dava luz. Dava luz, mas era uma luz! Punha-lhe uma mola ou arranjava um aramezinho para o bico, podia haver o vento que houvesse, estando quente, aquilo não apagava. Se apagava, acendia logo de caminho. E havia outros que tinham um espelho grande, uma roda em volta do bico para o vento não os apagar. Nunca cheguei a apagar o meu.

Quando o meu pai era das Meãs, fazíamos ali uma hora e tal de caminho. Mas saíamos às cinco da manhã, cinco, seis, sete da manhã para irmos pegar. E com o vento, a chuva e, às vezes, a neve e tudo era um bocado complicado. Então, tinham que trazer os gasometrinos impecáveis, preparados para se defenderem. Agora, já não. Trabalham dentro das Minas com umas pilhas. É umas cargas eléctricas que duram para oito horas. Trazem a pilha à cinta com uns cintos bons, assim de cabedal. Têm um capacete, a pilha nada nele.

Aquilo é perigoso, dentro das Minas. Pode desabar um liso. Tem lá morrido muita gente, muita gente. Lá em São Jorge da Beira há muita gente. Então, aquele lugar, aquele cabeço, está só sustento em madeira. Está todo suspenso em madeira! Se um dia há um tremor de terra, aquilo treme, ficavam com a lanternazita todos assolapados debaixo.

Trabalhei muito dentro da Mina. Fazíamos da Mourísia para lá seis horas a pé! Levávamos alguma coisa para comer. A minha mãe cultivava aqui e cozia o pão para a gente levá-lo para comer lá. Depois, a gente é que fazia o comer! Sei ainda fazer o comer. Havia lá uma cantina. Pagava-se naquele tempo 10 escudos



por dia. Mas era só uma refeição. Era só a refeição do meio-dia. À noite, não faziam. Vínhamos sábado para cá. Mas foi pouco tempo que lá andei. Um mês ou dois. Depois, o meu irmão quis-se vir embora. Viemos os dois.

### **"Éramos três no lagar: o mestre, o ajudante e o lenheiro"**

Também trabalhei num lagar de azeite. Eu andava a trabalhar nas Minas da Panasqueira. Uma irmã minha esteve a servir numa senhora na Benfeita, a fazer vida doméstica. E, quando estive lá, nós fomos fazer um acerto para um palheiro ou para uma casa ou o que é que foi. E depois o homem para quem trabalhámos, às vezes, falava-nos. Era para carregar cepas para o lagar, para quando se faz o azeite. Telefonava-me e perguntava-me se estava disponível para lá ir ter, para fazer o que era preciso.

Aquilo era assim: a azeitona ia para o pio. Ia com as galgas, duas pedras como as dos moinhos. As pedras iam num ferro e a água é que tocava. A água tem uma roda grande, uma roda andadeira como a das moendas. E aquela roda é que tocava as duas galgas para elas esmagarem a azeitona. Depois, vinha esmagada para a prensa. Tinha uma prensa e umas seiras. Enfiava-se para ali para dentro com uns baldes. Punha-se umas em cima das outras. Depois, botava-se água quente em volta. No fim de estar meia espremida, tornava-se a braço! Não era nada a hidráulica. Era tudo a braço. Às vezes, quando uma pessoa vai moer a azeitona, faziam, tibornadas com algum bacalhau, batatas, couves. No fim de estar meias cozidas, tirava-se-lhe a água, botava-se-lhe azeite. Eram acabadas de cozer em azeite.

Éramos três no lagar. O mestre, esse não saía de lá, que esse tinha que medir e preparar o azeite. O outro rapaz era o ajudante. E eu era o que botava a lenha na fornalha. Era o lenheiro, como eles chamavam. Ele só me dizia:

- "Olhe, é para caldear às tantas horas."

E eu tinha que ter a caldeira a ferver. Há umas que é de torneira. E outras são ateadas com um pau. Chamavam àquilo uma aguadeira. "Bumba"! Bota para dentro! Dois baldes para cada seira. Mas tem que estar a caldeira bem quente para se escaldar o azeite. E o azeite fica bom. Ficava melhor que este agora com coisas separadoras. É mais batido e mais bem escaldado e tinha outro gosto.

Quando era a espremer, espremia-se ali bem espremido. Depois, "desenseirava-se" e punha-se outro moinho logo a seguir. Fazíamos dentro de dia e noite cinco moinhos. E outras vezes, quatro, conforme a azeitona havia. Se havia muito aperto, dormia-se menos. Se havia pouco aperto, dormia-se mais. Conforme. Houve um ano que a "Inverna" foi muita. Foi uma "Inverna" aí de chuva, chuva, chuva, chuva. Mas parava-se sempre do Natal a Janeiro.

No dia 24, começava-se a dividir o azeite por os donos do lagar. Do que lá havia na pia, tiravam um "x" de maquia para outra pia que ele lá tinha. Depois íamos buscar o do poço ladrão. É um poço que o lagar tinha lá no fundo onde se larga o "aziabre" da azeitona. As reservas tinham um coiso e alguma gota que ia para lá ia toda para aquele rego. Depois, quando está cheio, abrem uma torneira e aquilo vai directamente para a ribeira. A azeitona, se não for bem curtida, amarga. E o que amarga é o "aziabre". A água que saía das tarefas ia toda para aquele sítio também. Então, o azeite vinha ao de cima da água. O azeite não vai ao fundo. Se experimentar botar 2 ou 3 litros de água no coiso, o azeite não vai ao fundo. Não vai ao fundo em lado nenhum, porque chegando a água já prendia. A vara mágica. Nem no vinagre o azeite vai ao fundo. Então, botava água, era bem batido com um pau e ia-se vendo com a varita. Depois, provava-se, se ele estava bom, se não estava. Mas o azeite do poço ladrão, às vezes, dá gosto. Naquele tempo diziam-me assim:

- "Vai lá acima e traz umas tantas carcaças."

Às duas da manhã, já além vinha buscar pão à padaria. Chegava lá, abríamos as carcaças. Se iam quentes, não era preciso mas, se iam frias, aquecíamos no lume. Depois botava-se o azeite:

- Ai, este agora já está bom!

Não saía azeite nenhum do lagar sem a gente o provar. E, se os donos lá estivessem, provavam os donos. Quando o azeite estava já pronto, tirávamos e metíamos para uns potes que eles lá tinham.

## **Varejar, apanhar e ensacar a azeitona**

Os homens andavam em cima das escadas a apanhar a azeitona. Eu trazia umas escadas de 16 lanços, mas eu não andava sempre na azeitona. Assim que o lagar começava a andar, deixava logo a escada. E era sempre assim. Também nunca andei no varejo. As mulheres é que andavam.

E quando era a ensacar? Aquilo era duro lá no lagar. Não se dormia ou dormia-se pouco. Mas, quando se andava dentro, ainda era bom. Depois, quando havia lá muito que fazer dentro, diziam:

- "Vá, vá lá ajudar a ensacar a azeitona."

Toca a carregá-la às costas. Às vezes, quando andávamos a ensacar a azeitona, arranjavamos sacas de 100 quilos. Não era brincadeira.

Depois, isto era assim: uma saca de 100 quilos dava aos 18 litros de azeite. Mas a funda era boa, quando é pesada. Se a azeitona funda fosse muito mirrada, já não dava. Diziam os donos do lagar:

- "Ah, a saca lá em cima deu tanto. Aqui deu menos!"

## "Havia dias que os pés bebiam sangue"

E quando se andava em França? Também andei na França 17 anos. Aí é que foi duro. O meu pai arranhou os papéis para ir para a França e, depois, levou-nos também para lá. A minha mulher também foi. O meu filho nasceu lá na França. Lá andáramos. Foi onde arranhei dinheiro para ganhar este buraquito. Não tenho muito, mas ganhei o buraquito.



**Leonel, filho de Carlos**

No fim de vir de França, fui servente. Trabalhava na floresta e na fazenda. Fazíamos de tudo um pouco. Era cortar mato, semear pinhal, alargar estradas. Trabalhava-se com uma picareta e com um compressor para fazer fogo também. E, depois, era o cascalho. Carregava-se dum lado para o outro com um carro de mão. Não havia outro sistema. Era com um carro de mão que se carregava o cascalho de um lado para o outro. E sucessivamente. Andei também a semear pinhal, nas mondas nas estradas por cima e muita coisa.

Depois fiquei sem trabalho. Andei lá em cima nos parques eólicos. Depois, fôramos para os Pardieiros, para uma empresa que fazia mondas por conta do

Estado. Para o ICN. O trabalho não se acabou, mas acabou-se o projecto, pronto, ficámos no fundo de desemprego até agora.

## **Migração "*Eram mais os estrangeiros que eram os franceses*"**

Fui para a França em 1971. Mas as viagens eram maçadoras. Dois dias e uma noite de comboio! Entrávamos em Santa Comba. Às vezes, ia já tudo cheio. Uma vez, entrámos em Santa Comba, fomos até Irún, à fronteira da França, em pé! Em pé! Os lugares já se tinham ocupado, íamos conforme calhava. A gente, às vezes, é que se deitava ou assentava-me nos corredores, que não havia lugares. E depois as mudanças? As malas levavam sempre roupas e, às vezes, umas garrafitas camufladas, que não se podia levar a granel. Vinho podia levar. Nem que fossem 5 litros à mão. Agora, aguardentes, uísque, Macieira, Vinho do Porto, bebidas brancas, isso é que não. Tinham que ir bem camufladas, que não as encontrassem. Depois, a gente, às vezes, passávamos os bagageiros. Esses moços que andavam a portar as bagagens. Não passavam as garrafas pela frente, mas a gente dava uma gorjeta e eles passavam por fora. Por acaso, só fui uma vez apanhado. Lá levava coisas que não eram para mim. Se eu fico calado... Mas abriram o saco. Quando viram cinco garrafas de aguardente, isso foi logo queimado. Paguei 80 euros. Ou então deixava a mercadoria. Quando passasse, tornava a levantá-la. Mas ela já lá estava? Ah, tive que pagar.

Estive no Lille. Região de Lille, não era bem Lille. Trabalhava lá numa fábrica de vigas. Também era frio: 17 graus abaixo de 0. As vigas eram cozidas a vapor. Chegávamos lá de manhã, estava quente. Mas, quando desligavam aquilo, o vapor colava. Andava lá a montar sebes para depois irem para a betoneira.

Aquela fábrica era assim: começava do pé até ao telhado. Era vigas, tijoleira, tijolo, telha, tudo, tudo. Só não tinha era madeira. Madeira é que não. O que tocasse a barro e barro vinha tudo dali. Uma pessoa lá chegava, entregava o projecto, pronto. "Que dia é que quer carregar?" Eu tanto trabalhava dentro, como trabalhava na rua a carregar os camiões. Era tudo trabalho que se fazia lá. Começávamos às três da manhã para trabalhar. Acabávamos às 11 horas. A minha mulher também trabalhava. Então, eu vinha e fazia o comer. Trabalhavam duas equipas. Era uma equipa das três às 11 e era outra das duas às dez da noite. À outra semana, pegava eu às duas até as 10 da noite e os outros pegavam das três às 11. Eram rotativas. Uma semana de manhã, outra semana de tarde.

Lá andámos. Era muito diferente a vida lá. Bem, antes de uma pessoa conhecer as coisas, vinha só da fábrica para casa e de casa para a fábrica e achava um bocado estranho. A França é muito grande. E os franceses havia-os bons e havia-os maus. Mas, onde eu andei a trabalhar, quase que eram mais os

estrangeiros que eram os franceses. Pelo menos da minha equipa. Mas, quando uma pessoa começou já a conhecer a fala deles e praticamente certas coisas, já se a vida organizou.

A secção das vigas começou a ter *stock* a mais, parou. Depois, fomos para a britaria, que era onde faziam o tijolo e telha para as casas. Também começou a enfraquecer, enfraquecer. Depois fomos para a fábrica da telha. Também era "rimas" e "rimas", stock e stock. Por fim, despediram parte do pessoal e meteram máquinas automáticas, "trilheiros" automáticos. Primeiro, eram quatro homens a trilhar. Depois, quatro homens faziam o mesmo trabalho que faziam seis. Eram quatro a trilhar e dois a desenformar. Os outros que ficavam lá dentro andavam a portar paquetes para as paletes, para tirar as telhas que estavam podres, que estavam rachadas. Mas, primeiro, telha nenhuma voltava para trás. Pegavam numa telha, batiam-na no ferro e via-se se já estava direito. Pegavam noutra, a mesma coisa. "Tumba", "tumba", "tumba", "tumba". Assim, sabiam se elas estavam rachadas, se estavam tortas. Depois puseram os trilhadores automáticos, não sabia se elas iam rachadas, se não. Era raro a obra que não voltava telha para trás.

Quando estive desempregado, gozei melhor vida que quando estava empregado. Ah, pois! Quando estava desempregado, andava à pergunta de trabalho. Pegava na bicicleta e ia aqui a esta fábrica, ia àquela, àquela e a um lado e ao outro. Mesmo que não arranjasse trabalho, davam-me um cartão quadrado com 12 casinhas. No fim do mês, tinha que entregar o cartão. Não podia ser o cartão preenchido todo no mesmo dia. Diziam assim:

- "Todos no mesmo dia? Não pode ser..."

Um dia ia aqui, outro dia ia a vários lados. Tive um dia que fiz mais de 100 quilómetros de bicicleta. Mais de 100 quilómetros!

A minha mulher também trabalhava na mesma fábrica, também foi desempregada. Depois, estava no fundo de desemprego, tivemos de vir. Havia também uma situação: a gente gostava que o rapaz aprendesse cá. Ele veio para cá e nós viemos também.

## **Namoro "*Ela, ao princípio, ainda me fugia*"**

Conheci a minha esposa assim: o meu irmão andava na tropa. Depois, um rapaz deu o nome dela e o meu irmão andou a namorar com ela. Lá houve qualquer desavença e ele largou-a. E eu:

- Vou lá ver se engato algum.



**Lucinda, esposa de Carlos**

Ela, ao princípio, ainda me fugia. Escondia-se, pronto. Mas lá andei, lá me disse que sim. Na altura, ainda namorei cá um tempo com ela. Depois, o meu pai arranjou trabalho na França, que a vida era melhor que cá, e eu fui para lá. Andei um ano e meio. E escrevia-lhe. Depois, vim cá, casei-me.

### **Casamento *Casamento na terra***

Casei-me no Porto Castanheiro. Foi uma festa, uma farra. Não foi pelo restaurante. Foi feito lá mesmo na terra. Lá cozeram a chanfana e o pão no forno e veio o padre dizer a missa e fazer o resto do que precisávamos. Ainda era à volta de umas 100 pessoas. A minha mulher ia vestida de branco. No fim de vir de missa, é que vestiu um segundo fato. Uma saia toda bonita e uma blusa toda jeitosinha. Tudo às rendinhas.

Antes do casamento estava na França e depois do casamento fui para lá outra vez. Estive lá mais um ano ou coisa e depois arranjei a vida levei a minha mulher para lá, para o pé de mim. Lá estivemos até calhar.



**Lucinda e Carlos (França, 1987)**

## ***Costumes Tradições da aldeia***

### **"O dia que se matava o porco era uma festa"**

Antigamente, criavam-se os porcos. Nós comprávamos um porco no mês do Novembro. Um porquito pequenino, aí de três, quatro palmos. Ia-se buscar uma faixa de palha. Fazia-se um ninho de palha para se ele lá enfiar e ia-se tratando a pouco e pouco. Até parecia como um menino. Quando era a partir de Setembro, é que era começar a engordar para no mês de Dezembro estar mais ou menos. Era sempre porcos de ano. E porcos aí com cento e tal quilos.

No dia da matança, chamavam-se quatro pessoas. Um botava as mãos às orelhas e o outro botava-lhe a mão ao rabo. E o matador, o que matava, botava-lhe uma corda ao focinho e deitava-lhe em cima de um banco. Deitado o porco em cima de um banco é que o matador espetava a faca. Depois botava-se em cima de uma porta de madeira e chamuscavam com carquejas. Então, era raspado com uma faca e era lavado dum lado e doutro com sabão e com uma escova de piaçaba ou dessas bem ásperas. Punha-se um pau atravessado, que é um chambaril, e pendurava-se. Abria-se dos lados por aí abaixo e tirava-se-lhe a parte da barriga, que chamávamos nós a suã. Depois, tirava-se as tripas. Nessa altura, as mulheres iam com as tripas do porco lavar na ribeira, para o pé donde é o castanheiro. E assim se passava.

O dia que se matava o porco era uma festa. Eram quatro ou cinco pessoas para o matar. Quando era à noite, juntavam-se duas mulheres para ajudar a migar a carne. Por exemplo, hoje, era em minha casa. Amanhã, era na de outro, outro dia, na de outro. Ora, hoje, já não é assim. Este ano, fiquei com metade de um, mas não foi morto aqui. Já vinha do talho. Mas fiz enchido. Também hoje se usa o fumo como se fazia antigamente. Ah, mas não é nada como antigamente. Nem o gosto nem nada é como antigamente. Oh, oh!

### **"Assim se passava o São João"**

Antigamente, o São João era assim: ia-se buscar um pinheiro alto. Enrolava-se todo com palha por aí afora. Todo até ao cimo. Arranjava-se um cântaro de barro. Metia-se lá dentro um gato. Tapava-se a boca do cântaro, prendia-se um nagalho e prendia-se lá na ponta do pinheiro. Depois, botava-se fogo ao pinheiro, a arder por aí afora. Tínhamos aí, às vezes, uma dúzia ou meia dúzia, de foguetes, conforme. Quando o pinheiro começava a arder, começávamos a botar os foguetes e fazia-se um bailito em volta do pinheiro. O gato, quando caía no chão, oh patas! Oh, abre! Não estava à espera de mais nada. Assim que caía no chão, aquilo é que ele lavrava! E assim se passava o São João. E o São Pedro era igual.

### **Costumes do tempo das castanhas**

Dia-de-Todos-os-Santos fazia-se e faz-se um magusto, mas já não é como antigamente. A gente é pouca, também. Ao princípio, antes de eu ir para França, quando eu era solteiro, havia muitos rapazitos na Moura. Lá há um sítio que é o recinto da escola. Agora, já não é tão grande mas, naquele tempo, antes de fazerem a escola nova de baixo, havia lá um recinto grande. Ora, os rapazitos todos levavam um saquito de castanhas. O padre já tinha sempre uma loja cheia de caruma. Punha-se uma camada de caruma, uma camada de castanhas, uma camada de caruma, uma camada de castanhas e botava-se-lhe o lume. Ia-se mexendo com um "fragoeiro". Os homens levavam garrações de vinho e toda a gente comia e bebia.

Mas, na terra do meu pai, nas Meãs, faz-se o bodo. Foi uma altura que passou aí um cão derrancado. Bem, um cão malinado, um cão derrancado, um cão feroz que, se mordesse a uma pessoa, podia a pessoa apanhar certas coisas. Depois, prometeram a Mártir São Sebastião fazerem aquela festa se ele não desse prejuízo a ninguém. O cão passou por aqui, não deu prejuízo a ninguém nem nada. Então, fazem esse bodo das terras da freguesia. Iam com um carro de bois,



levavam castanhas, figos, vinho e aguardente. Aquilo era uma vaidade. Era ver quem que apresentava as coisas melhores a nível das terras da freguesia. Depois, contavam as casas que havia na freguesia e davam um papo-seco a cada pessoa. Se eu o pusesse numa gaveta, ao outro ano estava tal e qual como quando trazia. Quando era solteiro e quando andava a trabalhar, ia lá todos os anos. Havia anos que lá ficava dois dias atafalhado na neve.

## **Lugar *Terra de castanhas, pão e vinho***

### **"Ainda dá boa castanha"**

Tem cá passado muita gente para ir ver o castanheiro. Já andou lume dentro dele. Tem uma levada por cima. Como ia a levada cheia de água, começaram a carregar os baldes de água e lá o apagaram. Uma vez, vinha lá de além, de uma fazenda que há ali, começou a chover, assim a bom chover. Oh! Não cheguei aqui molhado, porque meti-me lá dentro dele e abriguei-me à trovoada. Ainda dá boa castanha. Ainda! Ardeu, mas não secou.

### **Moíam todos**

Há aí muitos moinhos na aldeia. Por ali abaixo, há uns 14 ou 15. Um fica lá em cima. Há outro que já só tem uma pedra. Os moinhos têm duas pedras. É a de baixo, a mais macia, e é a de cima que é para cortar o milho. Mas veio uma cheia há três anos que levou tudo quanto esteve aí na ribeira "pia baixo"<sup>1</sup>. Levou tudo. E a ponte ia indo também.

Havia muita gente a moer na aldeia. Moíam todos. Faziam o pão como eu. Peneira-se a farinha, bota-se-lhe fermento, amassa-se e aquece-se o forno. Depois, a mulher tende-o e eu, com uma pá, enfio para dentro do forno e lá se coze. Mas aquilo não é muito fácil. Tem que se ir ao moinho. Tem que saber-se fazer a farinha. Não é de qualquer maneira. Depois, é peneirada com uma peneira que o meu pai fazia antigamente. Como fazia a joeira para joeirar o trigo e o milho, que é feita em arame.

<sup>1</sup>por aí abaixo



### **Carlos da Costa Pereira (à direita) a malhar o centeio na eira da Mourísia**

É que aqui, antigamente, havia grandes lavouras de centeio. Eram feitas de nove em nove anos e tinham lavouras para todos os anos. Havia aí uma lavoura que dava mil alqueires de centeio. Era medida além naquela eira. Ali, malhou-se muito centeio. Às vezes, eram dez homens. Era meia-noite, uma hora e nós ali andávamos. Só quando começava a "pardejar", a escurecer, é que começava o vento para o coar o centeio, para lhe tirar a munha.

Havia lá homens que tinham aos 120 alqueires de centeio e mais! E houve um ano que umas que eles aqui fizeram deram 150 alqueires! E isto tudo se vendia. Tudo se vendia! Se fosse hoje, era capaz de não vender. Vinham dali do Sobral Casegas, agora é Sobral de São Miguel. Carregavam, às vezes, aqui, quatro cargas de centeio. E milho? Ainda havia aí um sujeito que vendia uns 200, 300 alqueires de milho.

Quem dava um bocado de cultivo à terra era amigo. Andavam a cultivar terra a outro e ainda iam ajudar àquele e a quem precisava. Outras vezes, era a troco. Eu ia meio dia para um, outro vinha meio dia para mim. Iam ajudar uns aos outros. Quer-se dizer, era a troco, mas assim se fazia a agricultura.

### **Sem luz e sem água**

Antes de haver a energia eléctrica, era com um candeeiro a petróleo que se alumiam. Um candeeiro de vidro. Tinha uma chaminé e botava-se petróleo para dentro do candeeiro. Depois, a gente tinha uma torcida com o registo. Tanto se dava menos, como mais. Mais tarde, vieram os Petromax. Punha-se-lhe uma camisa e botava-se um bocadinho de álcool para eles darem. Depois, vieram os

de gás. Também tinham aquela camisazinha. O Petromax dava boa luz. Os de chaminé davam menos luz, mas eram o que usávamos para irmos à noute regar, para irmos aí a uma casa ou à fonte. Não havia água em casa! Íamos à fonte buscar a água. Às vezes, à noute, precisávamos de ir buscar. Então, pegava-se numa lanternita, lá ia a gente. Havia os outros lampiões maiores, que davam mais luz.

### ***Quotidiano Sem jeito de amolador***

Agora, estou no fundo de desemprego. Não faço nada! Andei a trabalhar de amolador com o meu pai, mas eu não me ajeito naquilo. Tesouras, nunca peguei. Nunca amolei. Nunca afiei tesoura nenhuma. Nadinha. Chapéus ainda punha, às vezes, uns aramitos, uns carretos, assim por baixo, quando o vento os virava.

### ***Avaliação Uma história para filhos ou netos***

É para um dia ficar uma história para os nossos filhos ou para os nossos netos. E um dia pode sair uma telenovela disto. A gente vê as telenovelas, filmes e tudo. Mas há certos filmes que aquilo não deve ser verdadeiro.